

Partido da Lava Jato

DEPOIS DE CORROMPER O SISTEMA DE JUSTIÇA E SEMEAR O BOLSONARISMO, SERGIO MORO E DELTAN DALLAGNOL RETORNAM À DISPUTA ELEITORAL, AGORA SEM DISFARCE

por MAURÍCIO THUSWOHL E RODRIGO MARTINS

“Brasil pra frente! Moro presidente!” Depois da acusação de plagiar um *slogan* da campanha de Lula, o ex-juiz deve ter achado melhor recorrer ao surrado grito de guerra entoado na cerimônia de filiação ao Podemos, a reunir 400 convidados no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília, na quarta-feira 10. A plateia numerosa é para iludir os incautos. Sem nenhuma aliança substancial no horizonte, o presidencial limitou-se a reencontrar o general da reserva e ex-ministro Carlos Alberto dos Santos Cruz, que também saiu do governo de Jair Bolsonaro pela porta dos fundos, e dois deputados-youtubers do MBL, animados com a possibilidade de a terceira via, quem sabe, enfim decolar. Da mesma forma, pôde rever alguns de seus subordinados da força-tarefa da Lava Jato em Curitiba, a exemplo do procurador Carlos Fernando dos Santos Lima, aquele que no



Dallagnol tinha extensa ficha-corrida no CNMP

segundo turno das eleições de 2018 viu-se “entre o diabo e o coisa-ruim”, e não hesitou em digitar 17 e confirmar, para “evitar a volta da corrupção”.

É a mesma desculpa usada por Moro para justificar a sua passagem pelo Ministério da Justiça de Bolsonaro. “Queria combater a corrupção, mas, para isso, eu precisava do apoio do governo e esse apoio me foi negado”, discursou. Balela. O cargo foi uma retribuição ao formidável trabalho como cabo eleitoral do ex-capitão. Moro não apenas retirou da disputa o ex-presidente Lula, favorito em todas as pesquisas de 2018, como também divulgou trechos da delação do ex-ministro Antonio Palocci a seis dias do primeiro turno, exatamente quando o petista Fernando Haddad esboçava uma reação nas pesquisas. A delação não trazia qualquer novidade, apenas requeitava velhas acusações contra integrantes do PT e, pouco depois, a própria Polícia Federal admitiu que se tratava de uma acusação fraudulenta, inventada a par-

EVARISTO SÁ/AFIP E HEULER ANDREY/AFIP



Alguém notou a diferença entre o juiz e o candidato?

tir de notinhas de jornal. Incomodado com a possibilidade de o superministro lhe fazer sombra, Bolsonaro tratou de limitar o seu raio de atuação, inclusive para proteger familiares. Moro desembarcou do governo porque sempre teve ambição política, embora tenha negado isso repetidas vezes, muito mais do que as três ocasiões em que Pedro negou conhecer Cristo, após a prisão do seu Messias.

Agora sem o disfarce da toga, o ex-magistrado veste o figurino de um candidato convencional. Diz defender o livre mercado e dar novo impulso às privatizações, ao mesmo tempo que promete erradicar a pobreza e combater a corrupção. Não se cansa de repetir os louros da Lava Jato. “Mais de 4 bilhões de reais foram recuperados dos criminosos e tem uns 10 bilhões previstos ainda para serem devolvidos. Isso nunca aconteceu antes no Brasil”, diz o ex-juiz, agora candidato – alguém notou a diferença? Evidentemente, o presidenciável esqueceu-se de mencionar o estudo do Dieese que estimou o impacto da operação na economia. Para recuperar esses valores, a Lava Jato dizimou 4,4 milhões de empregos e fez o Brasil perder 172,2 bilhões de reais em investimentos de 2014 a 2017, sobretudo na construção civil e no setor de petróleo e gás. “O bolsonarismo é filho legítimo do lavajatismo”, observa o advogado Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do grupo de juristas Prerrogativas, que desde o início denuncia os abusos cometidos na operação. “Sob pretexto de combater a corrupção, a Lava Jato corrompeu o nosso sistema de Justiça, deixando um rastro luminoso de pobreza e miséria no País.”

Moro não estará, porém, sozinho nesta caminhada. Poderá ter a companhia

de outros quadros do “Partido da Lava Jato”, como o ex-procurador Deltan Dallagnol, que acaba de deixar o Ministério Público Federal e não esconde suas ambições políticas, e o ex-PGR Rodrigo Janot, que acena com a mesma possibilidade. Após o vazamento das conversas da turma pela “Vaza Jato”, a explicitar o conluio entre o juiz e os procuradores, o figurino de “herói anticorrupção” talvez não caiba mais nos novos postulantes eleitorais. Mas, apesar das pedradas que certamente receberão nos próximos meses, Moro e Dallagnol contam com o eleitorado visceralmente antipe-tista para ocupar o tão sonhado – e ainda interditado – espaço da terceira via.

O futuro dirá se conseguirão, mas, a julgar pela pesquisa da Genial/Quest divulgada no dia em que se filiou ao Podemos, Moro aparece em terceiro lugar com 8% das intenções de voto, empatado com Ciro Gomes (7%), do PDT, dentro da margem de erro, e à frente de outros nomes aventados para a terceira via, como o governador paulista João Doria, do PSDB, e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, recém-chegado ao PSD. “Quando Moro oficializar sua candidatura, ele tende a ter um aumento em suas intenções de voto. O quanto vai crescer é difícil de dizer. Mas muitos eleitores podem estar dispostos a votar nele, mas não o consideram, porque a candidatura não estava colocada”, analisa o cientista político Cláudio Couto, da FGV de São Paulo. Como a margem de crescimento do ex-juiz no eleitorado de Lula é próxima de zero, ao que tudo indica ele deve avançar sobre a base desiludida com Bolsonaro: “O presidente é potencialmente o maior prejudicado pela entrada de Moro na disputa. Há uma parcela do eleitorado que hoje ainda está, em boa parte, com Bolsonaro,

O procurador que encomendou o outdoor da Lava Jato foi um dos raros punidos pelo CNMP

MORO LARGA COM 8% DAS INTENÇÕES DE VOTO E ACREDITA SER POSSÍVEL BATER BOLSONARO NO PRIMEIRO TURNO

mas pode migrar. Eu apostaria numa redução das intenções de voto no ex-capitão nas próximas pesquisas”.

Moro apresenta-se como um neófito no ramo. “Não tenho carreira política e não sou treinado em discurso político”, disse. Em momento quase cômico, o ex-juiz disse saber que “criticam minha voz” e saiu-se candidamente: “Se, eventualmente, eu não sou a melhor pessoa para discursar, posso assegurar que sou alguém em quem vocês podem confiar”. O discurso foi endossado pelo senador paranaense Álvaro Dias, candidato a presidente pelo Podemos em 2018. Ele lembrou que a legenda foi fundada “há apenas quatro anos”, disse que o ex-juiz representa essa “renovação” e que vai “refundar a República”.

A fantasia da “nova política” parece um tanto desbotada, mas o ex-juiz conta com o inestimável apoio de amplos setores da mídia. “Moro, na verdade, nunca perdeu a capa de herói. Ele vem com tudo. E vem em versão 2.0., com o apoio da mídia *mainstream*”, diz Tarcis Prado Jú-

nior, doutor em Comunicação e Linguagens e autor do livro *Moro: O Herói Construído pela Mídia*. “O fato de ter sido desmoralizado pelo STF ao ser considerado parcial no julgamento do Lula não cria fissuras suficientes para muita gente que se desiluiu com Bolsonaro, mas não quer o PT nem pintado de cor-de-rosa. A pauta do combate à corrupção será revigorada com o apoio da mídia tradicional”, aposta. A avaliação é compartilhada por Couto: “Parte dos barões da mídia, que ainda conservam sua crença no lavajatismo acompanhada de um antipetismo visceral, embarcaria sem problema algum numa candidatura de Moro”.

Conquistar a simpatia da mídia talvez seja mais fácil para Moro do que exercer papel de líder no Podemos. Em sua primeira tentativa, ao pregar voto contrário à PEC dos Precatórios, viu metade da bancada do partido na Câmara – que abriga, inclusive, defensores da candidatura de Lula – ignorar sua sinalização. Procurada pela reportagem, a presidente do Podemos, deputada Renata Abreu, não retornou o contato até o fechamento desta edição. Em todo caso, a aposta do partido é crescer com Moro. “Sua candidatura possui forte potencial de crescimento dentre os brasileiros de bem, independentemente de correntes ideológicas. Estamos fartos de corrupção e dos maus





hábitos que dilapidam os recursos e, infelizmente, se encontram tão difundidos em nosso país”, diz o senador Flávio Arns.

Ex-petista, Arns rechaça qualquer conflito ideológico no seio da legenda. “Seja de direita ou de esquerda, o partido que almeje o poder deve oferecer respostas adequadas aos anseios da sociedade. Todos desejamos um Brasil próspero, onde haja bem-estar para o povo e paz social”, desista. “Considero que ele esteja preparado para conduzir o País e enfrentará o bom debate de campanha com propriedade.”

O “bom debate” poderá, no entanto, ser pesado para o ex-juiz: “Moro é muito cintura dura e deve se ressentir disso nos debates mais quentes, onde será atacado por sua parcialidade como juiz e pela participação no governo Bolsonaro, além de ter ido trabalhar, mesmo que indiretamente, para a Odebrecht que ele mesmo condenou”, diz Cláudio Couto. “É difícil saber o que ele pensa sobre outros temas que não

Setores da mídia parecem dispostos a voltar a inflar o balão de Moro. Bolsonaro é o que mais tem a perder com a entrada do ex-juiz



a corrupção e a defesa ‘da lei e da ordem’, numa linha autoritária e à margem do Estado de Direito. O que pensa da economia, política externa, dos programas sociais? Moro tem algo a dizer sobre isso tudo?”

Prado Júnior, por sua vez, considera “perigoso” subestimar Moro: “Descredenciá-lo porque não é eloquente no discurso ou porque tem uma voz específica é bobagem. Alckmin nunca foi um gênio da oratória, sempre foi o chamado ‘picolé de chuchu’ e, no entanto, governou São Paulo por três mandatos”, lembra. Não será fácil, porém, se desvencilhar da sombra do atual presidente nos debates: “Moro não é terceira via, é a segunda via do B. Ele tem o mesmo projeto do Bolsonaro”.

Nesse sentido, a tarefa de Deltan Dallagnol talvez seja mais fácil do que a do ex-colega de Lava Jato, uma vez que o ex-procurador provavelmente concorrerá a uma cadeira legislativa pelo Paraná, onde é praticamente uma celebridade *pop*. “Dallagnol, se concorrer ao Parlamento, passará abaixo do radar dos grandes debates, embora os ataques a Moro possam respingar nele”, diz Couto. “Parece jogo fácil para ele conquistar o cargo de deputado federal num estado como o Paraná.”

Dallagnol pediu exoneração do cargo de procurador da República em meio a uma avalanche de denúncias contra ele no Conselho Nacional do Ministério Público. Ele era alvo de 14 reclamações disciplinares, uma sindicância e um pedido de providências, além de ter sido punido com advertência, em 2019, e com moção de censura, em 2020. Parece pouco plausível, porém, a tese de que ele decidiu disputar as eleições por temer punições. O CNMP sempre foi leniente em relação aos abusos da Lava Jato. Somente em meados de outubro, o órgão impôs uma sanção mais dura, determinou a demissão do procurador Diego Castor de Mattos, que encomendou um *outdoor* na capital paranaense para promover o trabalho da força-ta-

refa curitibana. “Sejam bem-vindos à República de Curitiba”, dizia o painel, com uma foto da equipe e uma velha bravata: “Aqui a lei se cumpre”. Ainda assim, a punição deu-se em um contexto bem específico, quando a Câmara dos Deputados estava prestes a votar um projeto que alterava a configuração do CNMP, com a inclusão de representantes da sociedade civil indicados pelo Parlamento, uma forma de evitar o julgamento de comadres que costuma marcar as sessões do conselho.

Mas os candidatos do Partido da Lava Jato não estão imunes aos questionamentos éticos – e a eventuais acertos de contas com a Justiça. O Tribunal de Contas da União acaba de determinar, por exemplo, que os procuradores da Lava Jato devolvam os recursos de diárias e viagens que receberam quando trabalhavam na força-tarefa que investigou desvios na Petrobras. O motivo? Em vez de remover os procuradores para Curitiba, onde de fato passaram a morar, estes continuavam lotados em outros estados, enquanto recebiam diárias e gastavam passagens todas as vezes que se deslocavam para a capital paranaense.

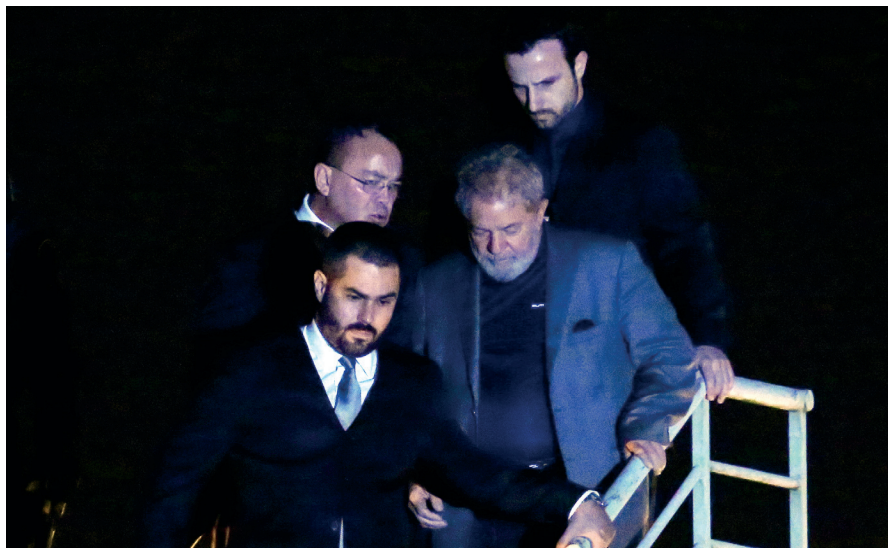
“O BOLSONARISMO É FILHO LEGÍTIMO DO LAVAJATISMO”, DIZ MARCO AURÉLIO DE CARVALHO, DO COMBATIVO GRUPO PRERROGATIVAS

O valor total a ser ressarcido passa de 1,8 milhão de reais, e Dallagnol terá de responder solidariamente.

“A lista de abusos cometida pela turma é interminável. Eles grampearam escritório de advocacia, esconderam provas, divulgaram diálogos de conversas interceptadas sem autorização judicial, fizeram tudo o que um juiz e um integrante do Ministério Público não podem fazer”, observa o advogado Lenio Streck, que atuou como promotor de Justiça por mais de 20 anos e tem pós-doutorado em Direito Constitucional pela Universidade de Lisboa. “Quando Moro e Dallagnol anunciam a intenção de disputar as eleições, vejo uma violação do princípio jurídico do *nemo potest venire contra factum proprium*, que veda a possibilidade de um indivíduo se beneficiar de atos contraditórios. Esse princípio foi usado nos EUA, em 1895, para impedir o acesso de um neto à herança do

avô que ele havia matado. À época, não havia uma lei que proibisse o neto de reivindicar a herança, assim como hoje não há lei alguma que impeça Moro e Dallagnol de se candidatarem. Mas uma coisa é fato: eles estão se beneficiando de um cenário que eles próprios construíram, de criminalização da política. Eticamente, é bastante reprovável.”

A avaliação é compartilhada pelo advogado Antonio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, um dos mais reconhecidos criminalistas do País. “Desde o início da operação sustento que Moro e Dallagnol tinham um projeto de poder e instrumentalizaram o Poder Judiciário e o Ministério Público para atingir os objetivos desse projeto. Isso ficou muito claro quando eles vazaram o diálogo de Dilma Rousseff com Lula, interceptado pela Polícia Federal fora do período autorizado judicialmente, para impedir a nomeação do ex-presidente como ministro da Casa Civil e dar fôlego ao processo de *impeachment*”, avalia. “Agora, vejam só, a dupla quer disputar eleições no meio do caos que eles próprios produziram. E, se não tomarmos cuidado, ainda vão posar de paladinos do combate à corrupção, sendo que foram eles que corromperam o sistema de Justiça.” •



“Entre o diabo e o coisa-ruim”, a Lava Jato abraçou Bolsonaro, admitiu o procurador Carlos Fernando dos Santos Lima. Mas, desta vez, Lula está livre

HEULER ANDREY/AFP